

Hamlet e Próspero: indivíduo, sociedade e intelectual em Anthony Giddens e Pierre Bourdieu

João Henrique Catraio Monteiro Aguiar¹

Resumo:

São comuns ao debate sociológico: indivíduo, sociedade, intelectual. Tomando Giddens e Bourdieu como sociólogos eminentes nessa discussão, o presente artigo presta-se a elucidar suas teorias sobre o tema. Para tanto é feita uma abordagem científica não-ortodoxa, trazendo Shakespeare para mostrar materialmente um tema abstrato e propor tipos-ideais.

Palavras-chave: Indivíduo e sociedade; Anthony Giddens e Pierre Bourdieu, Intelectuais e agentes.

*“To be, or not to be, that is the question:
Whether ’tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune
Or to take arms against a sea of troubles
And by opposing end them?”*

William Shakespeare

*“Now does my project gather to a head:
My charms crack not; my spirits obey; and time
Goes upright with his carriage”*

William Shakespeare

¹ Aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharelado em Ciências Sociais e Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura (bolsista da FAPERJ). Endereço para contato: catraioaguiar@bol.com.br.

1. Anthony Giddens e Pierre Bourdieu

A análise que se pretende fazer aqui – monográfica e comparativa – visa compreender a teoria sociológica de Anthony Giddens (1938-) e Pierre Bourdieu (1930-2002). A solução que é dada por ambos para a relação entre indivíduo e sociedade é o eixo através do qual se vê suas similitudes e suas diferenças. Mais a frente enfocarei o tema específico deste trabalho, que é como os intelectuais se situam (dentro da dicotomia indivíduo e sociedade) para ambos teóricos, ilustrando através de dois personagens shakespearianos significativos.

Anthony Giddens é um sociólogo inglês, que flertou com várias áreas do conhecimento. De início interessado em psicologia e vivendo em meio urbano, entende-se seu interesse pela modernidade, capitalismo, etc. Seu enfoque muitas vezes cai em temas transversais e sua *weltanschauung* deva muito a isso. Uma obra teórica que surge como mais uma opção teórica vinda de um pólo intelectual de uma megalópole européia. Giddens foi professor em Cambridge e diretor da London School of Economics and Political Science entre 1997 e 2003. Foi também assessor político de Tony Blair, que ocupou a função de primeiro-ministro britânico entre 1997 e 2007. A sociologia de Giddens foi influente no âmbito político com sua proposta de “terceira via”. Contudo, esse *não* é o enfoque sobre Giddens deste trabalho. Aqui o pensador será analisado no ponto central de sua teoria sociológica, não em suas implicações práticas. O mesmo se aplica ao outro autor a ser abordado: luz sobre ele.

Pierre Bourdieu não teve uma origem urbana como Giddens, sua família era campesina. Isso fez com que sua sociologia se fizesse de forma agressiva, indo contra teorias e práticas que ele não concordava. Bourdieu se afirmou pela negação. Isso não impediu que ele alcançasse altos cargos para um acadêmico. Foi diretor da revista *Actes de la recherche en science sociales*, diretor de pesquisas na *École de Hautes Etudes en Sciences Sociales* (ambos franceses). Foi também (em 1962) secretário-geral do Centro de Sociologia Européia. Sua teoria esbarra no âmbito político – ainda que Bourdieu não estivesse ligado a nenhum partido específico – principalmente quando ataca a lógica neoliberal, como no livro *Contre-feux*. Tanto Bourdieu quanto Giddens serão contra a ortodoxia da esquerda (CALLINICOS, 2000) e serão criticados pela forma não-ortodoxa de pensar a atuação enquanto sociólogos na política. São semelhantes pela trajetória acadêmica consolidada e polêmica; são diferentes na sua posição política.

Giddens terá grande reconhecimento pela sua investigação da modernidade, capitalismo, globalização, etc. Bourdieu terá grande reconhecimento pela pesquisa de práticas artísticas, educacionais, de gênero, simbólicas, ataque ao neoliberalismo, etc. Eles vêm de tradições sociológicas diferentes e de países com trajetórias diversas, partindo de perspectivas teóricas diferentes, isso será abordado à frente. Uma breve pincelada a partir de Georg Simmel² não mudará o foco do trabalho, mas provavelmente o reforçará. É de longa data que a sociologia se debruça sobre três vertentes, *cum grano salis*, sobre a relação indivíduo e sociedade. A primeira diz: entender o indivíduo basta para entender a sociedade. A segunda diz: entender a sociedade basta para entender o indivíduo. Encaixam-se nas duas vertentes citadas muitos pensadores, de forma moderada ou não. Simmel foi um pioneiro ao propor uma terceira opção a estas visões polarmente opostas. Via a relação entre sociedade e indivíduo como indissociável e condição da individualidade e de existência da sociedade, usando para isso o termo *sociação* (SIMMEL, 2006). A sociedade aqui é vista como um processo, em que as relações sociais são consolidadas – sob pena de não haver sociedade – e o indivíduo é eterna mudança. A *sociação* de Simmel é importante conceito, facilitador do entendimento das obras de Giddens e de Bourdieu.

Apesar do breve comentário sobre suas vidas, o enfoque será em suas teorias. Não se deve ter uma visão simplista de instrumental sociológico deles. Assim reduzindo o autor a uma só contribuição dentre as muitas que o mesmo deu. Alguns reduzem Marx com a luta de classes, alguns reduzem Weber com os tipos-ideais, ou Durkheim com a solidariedade. Como o sociólogo inglês e o sociólogo francês têm determinados conceitos mais usados é comum ver um uso distorcido de suas teorias. Aqui darei mais valor à parte teórica que lida com os intelectuais, que esbarra na constituição da sociedade através do pensar. Setor teórico que em muito se liga a uma visão inovadora da relação entre indivíduo e sociedade. Seja essa a teoria da estruturação, seja esta a praxeologia.

² A escolha por comentários breves tem em vista reduzir o tamanho do trabalho e torná-lo mais direto. Simmel está sendo exposto aqui de forma didática, com o intuito de esclarecer as relações de proximidade ou não entre Giddens e Bourdieu.

2. Influências sofridas por Bourdieu e Giddens

De acordo com Eric Hobsbawm, o século XX foi marcado pelas catástrofes, pelas guerras, pela segurança internacional na bipolaridade EUA-URSS pela decrescente força das potências européias internacionalmente, pela crescente presença do global nas políticas, pela crescente desintegração dos velhos padrões de relacionamento social. Foi um século turbulento, principalmente para a Europa. Uma frase de Charles Tilly diz que: “o século XX já se firmou como o mais belicoso da história humana” (TILLY, 2006:123). Ainda com Tilly podemos concluir que a França e a Inglaterra combinaram em proporções quase iguais a influência do capital e da coerção na construção do Estado-Nação. Ainda que possamos especular que a Inglaterra talvez levasse leve vantagem em capital e a França leve vantagem em coerção, os países têm construção do estado-nação bem similar. É nesse cenário que Bourdieu e Giddens nascerão e começarão a desenvolver suas teorias.

Um ponto comum entre ambos é partir dos estudos lingüísticos a fim de entender a sociedade. Anthony Giddens irá ter como influência teórica Wittgenstein³, e sua “virada lingüística”. Para o filósofo não haveria cisão entre língua e palavra, o que proporcionaria infinitos jogos de linguagem; esses seriam a grande pesquisa do mesmo. Se o jogo do filósofo é entre a língua e a palavra, a de Giddens é entre a estrutura e as ações, os indivíduos. Há outras influências em Giddens como a da fenomenologia (Husserl, Merleau-Ponty), principalmente através de Alfred Schutz, com sua sociologia fenomenológica. Pensando ambos na condição humana de existência. Giddens apresenta uma forte reação a Talcott Parsons, contra o funcionalismo. Sua teoria criticará também o materialismo histórico e o evolucionismo, reconhecendo neles uma versão equivocada, reducionista, mecânica, da sociedade.

Bourdieu irá ter como influência Saussure, com sua compreensão lingüística estrutural e cognitiva. Esse lingüista defende haver conhecimentos possíveis e conhecimentos inviáveis. Ou seja, conhecimentos inerentes ao ser e outros ausentes no ser. O mesmo se dá com o esquema prático do sociólogo que irá ser preenchido como presente ou ausente na pessoa. Também influenciado fortemente por Heidegger e Nietzsche, reagindo aos estruturalismos (Althusser,

³ Não será Wittgenstein analisado aqui a fundo, pois sua filosofia analítica da linguagem é complexa e daria por si só um trabalho escrito. A intenção é única e exclusivamente mostrar como afetou Giddens.

Levy-Strauss). A existência humana buscada pela reflexão ontológica se sobrepõe, então, a uma versão sobre a sociedade que conformaria os indivíduos. Para o sociólogo, e seguindo suas influências, o ser humano faria a si e a sociedade condicionaria suas ações. Existem interpretações que enxergam grandes semelhanças entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu e existem interpretações que enxergam as diferenças, cabe dizer que a relação entre duas teorias sociais não é neutra⁴.

3. A sociologia de Pierre Bourdieu: um esboço

Bourdieu é um dos autores com maior quantidade de livros e artigos publicados no âmbito da sociologia. Sua sociologia iniciou-se com um trabalho de pesquisa na Argélia, tendo sido inspiração para um livro posterior⁵. O esforço empregado pelo sociólogo é o de construir uma terceira opção para as duas visões hegemônicas (citadas na parte 1) sobre a dicotomia indivíduo e sociedade. Uma dando maior peso à sociedade, outra dando maior peso ao indivíduo. Sua concepção sociológica refuta as construções teóricas que reduzem ao “economicismo” a análise social e vai contra as teorias sociais que se erigem sem respaldo empírico. Prova disso é – entre outros méritos do livro – a análise do gosto em *A distinção: crítica social do julgamento*, considerado como algo social, amparado em pesquisa intensa. A densidade de pesquisa, a análise empírica sobre a diferenciação social, sua visão sobre a educação – somado ao fato de ele ser francês – leva a algumas pessoas a compararem ele a Émile Durkheim.

A sociedade seria definida pela existência de múltiplos campos da atividade humana, com disputas constantes. Os *campos* seriam de acordo com Bourdieu: “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços”. Os campos têm seus funcionamentos específicos, porém guardam entre si leis comuns, que a prática da pesquisa desvelaria segundo o sociólogo. Os campos têm, portanto, uma relação de homologia. Mas a grande lei dos campos é a luta pelo monopólio da violência legítima, que faz com que surjam dois grandes grupos nos campos: os ortodoxos (que lutam por manter a estrutura de distribuição do capital específico) e os hereges (que buscam subverter essa estrutura). As disputas

⁴ Gabriel Noronha e Luiz Rocha analisam essa relação na revista *Habitus*, n.5, v.1

⁵ O livro “A dominação masculina” tem como base seus primeiros estudos sobre a sociedade.

nos campos de forças seriam condicionadas pelo *habitus*, que são esquemas (pré-cognitivos, pré-avaliativos, pré-discursivos) práticos adquiridos no campo.

O *habitus* é como os indivíduos incorporam a história, o campo é como a história se objetiva. De acordo com Bourdieu, *habitus* são: “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (ORTIZ, 1983: 60, 61). Por afetarem diretamente a prática, o *habitus* é o meio por excelência de conservação e transformação da História. A sociedade seria marcada, portanto, por estruturas estruturantes (*modus operandi*) e por estruturas estruturadas (*opus operatum*) (BOURDIEU, 2007). Portanto, Bourdieu vê – como em Simmel, ainda que de forma bem diferente – uma relação estreita entre a sociedade e o indivíduo. Pierre Bourdieu é usado em pesquisas com história, pedagogia, cultura, etc.

4. A sociologia de Anthony Giddens: um esboço

A sociologia de Giddens se volta para a ação das pessoas. A questão para ele não é a estrutura ou os agentes, mas como a vida e a ação atuam na constituição de ambos. A teoria de Giddens vê a estruturação enquanto processo constitutivo da sociedade atual e não como uma singela análise sociológica. Ele irá bater de frente com as visões objetivistas e subjetivistas da teoria social (o termo que ele usa para o que chamei de “visões hegemônicas da dicotomia indivíduo e sociedade”). Sua iniciativa é a de encarar as antigas oposições como dualidades com predisposição ao “efeito sanfona”, onde um dos lados ora pesa mais que o outro. Como diz Giddens em *A constituição da sociedade*: “As sociedades humanas ou os sistemas sociais, não existiriam, em absoluto, sem a agência humana.” (GIDDENS, 1989: 140). O que determina esse “efeito sanfona” (ou efeito acordeão) é a ação. A ação é definida em Giddens em *Novas regras do método sociológico*: “Eu definirei a ação como a *corrente de intervenções causais reais ou observadas de seres corpóreos no processo contínuo de acontecimentos no mundo.*” (GIDDENS, 1978: 80, grifo do autor).

A ação tem uma temporalidade que é parte de sua constituição. As práticas são ordenadas no espaço e no tempo e dependem de recursos para se cumprir enquanto tais. Já a estrutura, de acordo com Giddens: “is both the medium and the outcome of the human activities which it recursively organizes.” (GIDDENS, 1986: 533). Há uma racionalização no convívio social (pelo

entendimento das bases da atividade), que conduz o monitoramento reflexivo da atividade (GIDDENS, 1989: 4). Devida a esse enfoque na racionalização, alguns associam sua teoria a Weber; que ao analisar a ética protestante acaba por mostrar uma racionalidade econômica amparada em uma moral a princípio voltada somente para a glória de Deus.

Surge o monitoramento como resultado da ação cotidiana e da conduta de vários indivíduos. Os atores, portanto controlam a si mesmos e ao fluxo de suas atividades, esperam que os outros atores façam o mesmo e atuam sobre seu contexto social. O uso do poder está vinculado a toda ação e todo ator usa o mesmo. Os meios por onde esse poder se exerce são os *recursos*, que exemplificam a conduta na reprodução social. Quanto menos recursos um agente tem, mais subordinado ele possivelmente será. Há uma dualidade na estrutura para Giddens: as regras e recursos que (re)produzem a ação social são ao mesmo tempo os meios de (re)produção do sistema. A estruturação se coloca como mediadora entre a estrutura e a agência, e se coloca como coercitiva e facilitadora. Pois aqui se coloca a possibilidade de difusão do poder, onde: “A coerção de uma pessoa é a facilitação de uma outra”. (GIDDENS: 1989, 144). Em Anthony Giddens, tolher a liberdade de um agente é não permitir que ele efetue seus atos (limitar sua ação) e não impor-se sobre o agente. Outro ponto importante da teoria social de Giddens é a dupla hermenêutica, que se relaciona com dois pontos: penetração e compreensão dos quadros de significado envolvidos na produção da vida social pelos atores leigos; e reconstituição dentro de novos quadros de significado implicados nos esquemas conceituais técnicos. A teoria de Giddens resvalou na teoria das relações internacionais quando ele escreveu o livro “Estado-Nação e a violência”, tendo certa aproximação com o livro de Tilly “Coerção, Capital e Estados Europeus”.

5. Hamlet ou Próspero: Interpretações sobre o intelectual em Bourdieu e Giddens

Porque falar de teatro em um artigo de sociologia? Pois bem. As peças têm alto poder de expressão, uma boa síntese do que o espírito humano é ou ao que ele se dirige. Dessa forma, que fique claro que uso os dramas como meio de exemplificar algo que é único ao âmbito teórico. Tentando a partir de um exemplo material (drama) facilitar o entendimento do âmbito intelectual

(teoria social). Harold Bloom irá enxergar no teatro⁶ a invenção do humano, principalmente por destilar no espectador/leitor a capacidade de escutar a si mesmo, de ouvir seus próprios monólogos. Trazer o humano para um trabalho de humanidades é mais que necessário, é uma obrigação. E é preciso combater a cesura que os intelectuais hoje vivem. Sem levar em consideração outras áreas do conhecimento. Sem dúvida as artes e ciências sociais ganham com as ciências e artes cênicas. O entrelaçado de artes facilita elaborar um tipo-ideal (WEBER, 2004) do intelectual que se alinha às perspectivas de Giddens ou de Bourdieu. A proposta de exposição de parte da teoria dos dois sociólogos é decorrente de uma sociologia compreensiva e hermenêutica, que visa interpretar ao mesmo tempo em que entende o foco de pesquisa.

Para fazer esse tipo-ideal vou recorrer a William Shakespeare, e suas peças “The Tempest” e “Hamlet – Prince of Denmark”. Uma brevíssima síntese de ambas as histórias. Em “A Tempestade” (SHAKESPEARE, 2002), Próspero é um mago com amplos poderes, ex-duque de Milão, exilado em uma ilha deserta. Tem como companhia sua filha e dois serventes seus: Caliban e Ariel. No fim há a vingança desejada e uma conciliação com perdão ao mesmo tempo. Em “Hamlet” (SHAKESPEARE, 1966), o príncipe (Hamlet) ouve do espírito de seu pai que seu próprio irmão o matara. Hamlet fica confuso entre seguir o curso da vingança ou não e cria meios de se decidir, como a peça que encena na frente do rei (irmão de seu pai e assassino do mesmo) com o mesmo enredo que a morte do rei teve. Em meio a tantas mortes, há um solene momento de reflexão sobre a vida.

Bourdieu diz que seu trabalho sociológico “é uma eterna, uma retomada sem fim.” (DELSAULT, 2005) e, de fato, sua obra é marcada por muitas mudanças. Contudo, é notável sua capacidade de manter-se em busca do entendimento do social, como quem se vinga de uma condição de vida indesejável. Bourdieu expressa na mesma entrevista ter medo de fantasmas, como o do “livro total” e o “livro infinito”. A relação do homem com seus fantasmas, medos e dilemas é precisamente um foco do drama do príncipe dinamarquês. É de grande porte a peça Hamlet, pois ela perfila exatamente este viés de análise de Bloom; a riqueza da construção de

⁶ Notadamente, o teatro de Shakespeare, através de Hamlet. Pelas inovações culturais que a peça impulsionou.

personagem ao menos lembraria a do Fausto de Goethe. O intelectual⁷ e o indivíduo com atuação constante na sociedade são complexos, condicionados por interesses, por posições nos campos.

No eterno conflito entre o campo e o habitus, Hamlet se situa. Ou seja, o ator está entre a estrutura e a prática. Tem todas as disposições incorporadas da corte, mas vê o quanto a ortodoxia (expressa pela sede de poder de seu tio) do campo é perniciosa. Assim Hamlet é o intelectual herege dentro do campo. E sim, ele tem interesses. Se os intelectuais em Bourdieu disputam as classificações sociais, então o príncipe se insere nessa disputa também, pois ele deseja ver o pai representado na corte. Seu interesse bate de frente com o interesse do tio. Como não há liberdade intelectual, não pode haver virtude (BOURDIEU, 2005). Não havendo virtude, há massacre dentro do campo. O intelectual Hamlet é um guerreiro, é aquele que batalha pelos seus interesses custe o que custar. É o intelectual que defende um mundo onde as idéias são livres, como propõe o sociólogo francês.

Para Giddens: “O que você faz tem conseqüências globais, e o que acontece no nível global tem conseqüências pessoais.” (DOMINGUES, HERZ, REZENDE, 1992). Esse entrelaçamento de ações, interações, pessoas é mote de “A Tempestade”, que tem Próspero como símbolo de que o homem pode agir. Ainda que haja interferência na vida de alguém, esse pode obter os meios necessários para fazer com que o “jogo” mude. E com isso pode interferir globalmente, no conjunto de outros atores sociais. Giddens irá levar o intelectual ao seu lado “mago”, pois o poder na sua teoria – a princípio – estaria ao alcance de todos. Todos os atores sociais seriam atores competentes. Limitados pelos recursos e pelo monitoramento reflexivo dos agentes. Sem o monitoramento, em uma ilha, os intelectuais teriam plenos poderes. O intelectual passa a ser Próspero. E sua agência, construída sob uma estruturação pressupõe que a magia atuará tanto no plano dos agentes quanto no plano da estrutura. No caso específico da peça “A tempestade”, Próspero tem – através de Ariel, principalmente – um grande alcance de suas ações. O intelectual atua com seus recursos, sobre a sociedade e sobre o indivíduo. Ao mesmo tempo ele mesmo é afetado pela sua ação, através da dupla hermenêutica. Tanto ele produz conceitos, teorias, quanto o intelectual para existir tem que ser possuído por influências intelectuais prévias. Próspero para poder alcançar seus poderes imerge na leitura de muitos livros. A sua figura

⁷ Apesar de haver mudança constante na posição de Giddens ou de Bourdieu frente ao tema, o recorte que faço é da versão mais “madura” de ambos autores sobre o intelectual. Não me proponho a ir além desse âmbito.

simboliza a dupla hermenêutica. No fim da peça com a liberdade de Ariel, Próspero tem um efeito drástico na sua vida. Seus poderes mágicos diminuem consideravelmente. Há, portanto, uma influência dos atos dos intelectuais na própria vida dos mesmos. Nem sempre no sentido de diminuir seus “poderes mágicos”, mas às vezes até de ressaltá-los.

Em comum entre Próspero e Hamlet está a busca pela justiça, o desejo de vingança; comum na história dos intelectuais. Seja através de uma concepção teleológica da história onde tudo caminha para a perfeição como em Hegel; seja através de uma participação ativa em acontecimentos políticos de sua época (como aconteceu com Zola no caso Dreyfuss). Pode ser uma busca por reforçar a ordem e estimular a ortodoxia do campo, ou por subverter a ordem conjuntural do campo (como Hamlet). Pode ser uma ação que vem de um recurso inigualável e prestes a modificar a estrutura (como com Próspero) ou pode ser uma ação de reforço da estrutura através de recursos cedidos por ela.

Sem querer tomar partes como o todo, devemos considerar tais declarações como significativas. Reconhecer também que Giddens e Bourdieu propõem formas de pensar sociologicamente ímpares. Isso sem dúvida irá influir nas ações dos agentes (afinando-se com Giddens). Também não podemos negar a influência direta que terá, ou melhor, já tem no campo intelectual (afinando-se com Bourdieu). Mas se nós quisermos um panorama mais denso do que é ser intelectual não podemos nos ater meramente aos sociólogos mais recentes. Tomás de Aquino, Aristóteles, Gramsci, Sartre entre muitos outros também pensaram a atividade intelectual. Muitos tipos-ideais poderiam surgir de uma análise mais ampla desse tema de análise social. Mas aí já seria outro trabalho. Maior, mais pesado. Um trabalho para quem tem a paixão decidida de Hamlet e os poderes mágicos de Próspero.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. 10ª Edição, RJ: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*, São Paulo: EDUSP/Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. SP: Companhia das Letras, 2005.

_____. 5: *É possível um ato desinteressado?* In.: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus editora, 1997.

_____. 2. *Esboço de uma teoria da prática*. In.: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Os intelectuais estão fora do jogo?; Algumas propriedades dos campos*. In.: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BLOOM, Harold. *William Shakespeare (1564-1616)* IN.: _____. *Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CALLINICOS, Alex. *La teoría social ante la prueba de la política: Pierre Bourdieu y Anthony Giddens*. In.: *New Left Review*, Nº. 2, 2000 (Ejemplar dedicado a: Socializar el bienestar, socializar la economía) , pags. 137-160, ISSN 1575-9776.

DELSAUT, Yvette. *Entrevista de Pierre Bourdieu: Sobre o espírito da pesquisa*, pp.175-210 In.: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1, jun, 2005.

DOMINGUES, José Maurício; HERZ, Mônica; REZENDE, Cláudia; *Entrevista com Anthony Giddens*, Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 8, n . 16, 1992

DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social* . In: *Os pensadores*. Volume XXXIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*, SP: Martins Fontes, 1989.

_____. *O estado-nação e a violência – segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico*. SP: EDUSP, 2001.

_____. *As conseqüências da modernidade*, SP: UNESP, 1991.

_____. *Novas Regras do método sociológico*, RJ: Jorge Zahar, 1978.

_____. *Action, subjectivity and the constitution of meaning*, In.: *Social Research*, vol. 53, nº3, 1986

HOBBSAWM, Eric. *O século: vista aérea*. In.: _____. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NORONHA, Gabriel Vieira. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *Elias e Bourdieu - Para uma sociologia histórica, ou seria uma história sociológica?* In.: *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v.

5, n. 1, p. 47-58, 30 mar. 2008. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 mar. 2008.

SHAKESPEARE, William. *Hamleto (Príncipe da Dinamarca)*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

_____. *The complete works of William Shakespeare*, London: Spring Books, 1970.

_____. *A tempestade*, Porto Alegre: L&PM, 2002.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*, Ed. Zahar, 2006

TILLY, Charles. *Coerção, capital e estados europeus, 990-1992*. São Paulo: EDUSP, 1996.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Economia e Sociedade* Volume 1. 4ª Edição, São Paulo: Imprensa Oficial e Brasília: Editora UnB, 2004.